

## **Missionários, Kikuyu e Mau Mau: Pontos de convergência em situações de conflito\***

## **Missionaires, Kikuyu and Mau Mau: Points of convergence in conflict situations**

**Melvina Araújo**

Pós-Doutoranda em Antropologia – USP/CEBRAP

Bolsista FAPESP

Correio eletrônico: [melvinaafra@yahoo.fr](mailto:melvinaafra@yahoo.fr)

**Resumo:** O objetivo deste artigo é o de, a partir de relatos e artigos publicados na revista Missões Consolata, tentar reconstruir uma história simbólica das relações entre missionários da Consolata e os Kikuyu.

**Palavras-chave:** relações interculturais – mediação cultural – religião – Missionários da Consolata – Kikuyu.

**Abstract:** The aim of this article is mainly to try to rebuild a symbolic history of the relations between the missionaries of the Consolata and the Kikuyu, based on the narrations and articles published in the magazine Missoes Consolata.

**Key-words:** intercultural relations – cultural mediation – religion – Missionaries of the Consolata – Kikuyu.

---

\* A produção deste artigo foi possível graças ao apoio da Fapesp, que financia a pesquisa da qual provêm os dados que lhe dão suporte.

## Introdução

Neste texto debruçar-me-ei sobre os relatos publicados na revista *Missioni Consolata* sobre as missões consolatinas no Quênia, no período da guerrilha Mau Mau, na tentativa de reconstruir uma história simbólica – no sentido proposto por Geertz (1989) - das relações entre os missionários e os Kikuyu. Dito de outro modo, interessa elaborar, a partir dos relatos e artigos<sup>2</sup> publicados na revista *Missioni Consolata* e das etnografias e estudos históricos feitos sobre os Kikuyu, Mau Mau, missionários e movimentos religiosos africanos, uma interpretação destes dados enfocando as conexões de sentido que permitiram a criação de um campo de relações envolvendo Kikuyu e missionários da Consolata durante e após a guerrilha Mau Mau.

\* \* \*

Os primeiros dados sobre as missões consolatinas junto aos Kikuyu a que tive acesso foram os contidos no volume organizado por Trevisiol (1989) sobre a história dos missionários da Consolata no Quênia. A partir deste livro, apesar de ter sido escrito por um missionário, que apresenta as missões sem explicitar os conflitos que as atravessaram e que atingiram aqueles que dela participavam, o autor deixou claro que durante o período da guerrilha Mau Mau as missões deixaram de ser freqüentadas pelos Kikuyu e, após seu esmaecimento, houve uma explosão do número de fiéis.

A partir destes dados foi possível intuir que, para que pudesse ter havido um tal aumento<sup>3</sup> do número de pessoas que acorriam às missões após o

---

<sup>2</sup> Uso os termos “artigos” e “relatos” para diferenciar duas formas de texto publicadas no referido periódico: nos “artigos” os autores buscam fazer uma análise sobre certos temas ou acontecimentos; já nos “relatos” o texto é escrito de maneira menos formal, sendo publicado como partes do diário de viagem de um determinado missionário ou como narrativas de próprio punho de um missionário sobre uma determinada experiência.

<sup>3</sup> De acordo com Trevisiol (1989: 261), no início da campanha de atração de fiéis para a igreja, em 1956, existiam 5.652 catúmenos, 3 meses depois estes eram 30.740, um ano mais tarde, 52.606. O número de católicos batizados era de 53.148, em 1955, 61.857, em 1956 e 84.204,

enfraquecimento do movimento Mau Mau, algo deveria ter ocorrido durante a guerrilha para ocasionar tal mudança. Além desta intuição, segui também as pistas deixadas por autores como Balandier (1991), Gluckman (1987) e Turner (2005), quando afirmam que os momentos de crise permitem o acesso a uma posição privilegiada, por colocarem em cheque símbolos sociais e a sociedade de maneira geral. Assim sendo, decidi concentrar meus esforços, neste momento, na busca e análise de dados sobre as missões no período da guerrilha Mau Mau e de referências bibliográficas sobre temas a ela relacionados.

Ao ler os artigos e relatos publicados na *Missioni Consolata* no período em que a guerrilha Mau Mau atingiu seu ápice de violência – entre 1952 e 1954 – e após o esmorecimento das ações guerrilheiras percebi a recorrência de alguns temas: o movimento Mau Mau (suas origens, organização, violência etc); o funcionamento das missões durante o período da guerrilha e após seu enfraquecimento, o que inclui a abertura, fechamento, organização e manutenção de escolas para os nativos; reconstrução das missões, de seus equipamentos e de aldeias destruídas pela guerrilha; independência do Quênia. Embora estes temas muitas vezes apareçam entrelaçados num mesmo artigo ou relato, optei por fazer uma classificação a partir do assunto preponderante com o objetivo de facilitar a análise.

O procedimento adotado neste artigo foi o de abordar os temas que figuram nestas publicações e também na bibliografia sobre os Kikuyu, Mau Mau, Quênia e movimentos religiosos africanos a que tive acesso no decorrer do último ano.<sup>4</sup> O exercício que me proponho fazer é, pois, o de a partir do cruzamento de dados contidos nestes dois tipos de fonte desvendar alguns elementos que permitam a reconstrução das conexões de sentido que

---

em 1957. No final de 1958 o número de católicos chegou a 107.786. De julho de 1956 a junho de 1957, 3140 protestantes de converteram ao catolicismo.

<sup>4</sup> Uma referência que parece importante à qual não tive acesso, por estar esgotada e não fazer parte dos acervos das bibliotecas da USP, UNICAMP e Museu Nacional, é o segundo volume da obra organizada por Berman e Lonsdale, *Unhappy Valley*. Há autores que afirmam que neste volume há um artigo que trata da posição de missionários das diferentes missões que atuavam no Quênia frente à guerrilha e aos Kikuyu.

possibilitaram a constituição de relações de mediação entre agentes kikuyus e consolatinos, após a segunda metade dos anos cinqüenta. Visando observar possíveis transformações ocorridas no decorrer do tempo, no interior de cada tema, os dados advindos das revistas estão cronologicamente organizados.

No cotejamento de ambas as leituras elaborei a hipótese de que o enorme afluxo de fiéis às missões católicas, relatado por Trevisiol (1989), após o enfraquecimento das ações da guerrilha Mau Mau, relacionava-se às ações de ajuda à população Kikuyu que, durante a guerrilha, foi encerrada em aldeias criadas pelo governo colonial, às concepções dos missionários relativa à pobreza e as possibilidades oferecidas nas missões católicas para a superação do estado de pobreza em que se encontravam.

É preciso salientar, no entanto, que ainda não consegui levantar dados referentes aos missionários que estavam no Quênia (dados biográficos, formação, posição na hierarquia etc.) e tampouco dos Kikuyu com os quais estes missionários mantinham relações mais estreitas. Falta também um melhor domínio de etnografias sobre os Kikuyu para que se torne possível observar como as categorias católicas se articulam às categorias kikuyus, construindo categorias de mediação.

### **Representações sobre o Mau Mau**

O movimento Mau Mau, segundo autores como Lonsdale (1990, 1996, 1987), Kershaw (1996) e Anderson (2005), foi objeto de muitas e variadas interpretações. Os missionários da Consolata, pelo que pude depreender dos dados coletados, não constituíram uma exceção em relação a esta questão: as interpretações sobre o Mau Mau mudam com o tempo e de um agente a outro. Para melhor observar estas diferentes interpretações, optei por reproduzir longos trechos dos artigos e/ou relatos publicados, observando a cronologia de publicação e separando-os por temas.

O primeiro relato sobre o movimento Mau Mau publicado na Revista *Missioni Consolata* ocorreu em setembro de 1952 (ano 54, n. 17, p. 198-208) e apresenta uma versão da versão de um professor indígena sobre a invasão, por líderes Mau Mau, de uma reunião com os pais dos alunos, por ele organizada, na escola-capela de Kyando<sup>5</sup>, no início do período letivo. Passemos à narrativa:

(...) Alle finestre s'affacciarono alcuni individui con lance, clave e coltelli. L'assemblea ondeggiò. Una voce dal fondo disse: «Nessuno si muova. La porta è bloccata. Non abbiate paura. Ciascuno stia al suo posto».

Nell'atmosfera densa di attesa un uomo si portò davanti e fece cenno di parlare: "Figli del casato di Ghekoio e di Mombi sua moglie e delle loro nove figlie che diedero origine alle nostre nove tribù! Non temete. Siamo noi, tutti di un sol colore, il nostro colore. Siamo radunati qui, nel mezzo della nostra terra, di quella terra che Dio diede ai nostri antenati ai piedi del gran monte dove egli ha la sua casa, dicendo: "Vedete che bella terra? Io, vostro Padre, ve la dono perché sia vostra in eterno, e levando gli occhi a questo monte, vi ricordate che lo sono in mezzo a voi". Tutti vogliamo il bene del nostro popolo. Vogliamo che i nostri figli abbiano quel bene che non abbiano potuto avere noi. Essi non lo possono avere da altri che da noi. Il Maestro ha parlato molto bene. Ci ha ricordato quello che è l'interesse nostro e dei nostri figli. Non abbiamo nulla da aggiungere a quanto egli ha detto. Egli ha la nostra piena approvazione. Vuole i nostri bambini: glieli manderemo e saranno numerosi come le cavallette. Vuole il lavoro delle nostre mani: nessuno di noi mancherà. I fabbricati li ripareremo, e solo che esprima il desiderio, ne faremo dei nuovi più grandi e più belli. Le piante dei nostri boschi e il fieno dei nostri pendii sono suoi. La sua scola è cosa nostra. Dobbiamo avanzare e progredire. Indietro non si torna più. Sono lieto di questo giorno, perché ci eravamo dispersi e oggi si siamo ritrovati e intensi. Questa intesa nostra, – di noi, **figli di Donna Nera**, - che era cosa nostra. Come il cibo che mangiamo e la terra che calpestiamo, perché ci era stata lasciata in eredità dai nostri padri insieme col nostro suolo e con le nostre tradizioni, è stata spezzata dai **figli di Donna Bianca** e da coloro che li servono. Essa deve essere riconsacrata oggi, alla nostra maniera, perché ritorni ad avere la benedizione dei nostri padri, e la loro maledizione venga riconfermata su coloro che rifiutano la nostra eredità e i frutti della nostra terra (negrito no original). (Pe. Edmondo Cavicchi, *Missioni Consolata*, ano 54, n. 17, set. 1952, p. 198-208)<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Kyando situava-se no interior de uma reserva indígena, portanto dentro de uma área de atuação da guerrilha Mau Mau, o que tornava esta aldeia particularmente vulnerável aos seus ataques.

<sup>6</sup> Na janela apareceram alguns indivíduos com lança, clava e facas. A assembléia agitou-se. Uma voz ao fundo disse: "ninguém se mova. A porta está fechada. Não tenham medo. Cada um continue em seu lugar."

No trecho acima transcrito pretende-se apresentar ao leitor da *Missioni Consolata* alguns dos argumentos apresentados por guerrilheiros Mau Mau para justificar o movimento por eles organizado. No início deste excerto, os Mau Mau realizam o que Lonsdale (1987) denomina “afirmação Mau Mau de direito à propriedade”. Ou seja, referem-se à sua principal plataforma de luta, a de que eles e seus filhos, descendentes do casal mítico fundador da etnia Kikuyu “Gikuyu e Muumbi” (Droz, 1998), pudessem apropriar-se da terra que lhes teria sido deixada por seus antepassados e que estaria sendo usurpada pelos brancos que dela se estavam apossando.

Os Kikuyu, de acordo com Lonsdale, pautavam sua ética nos princípios da autoridade do dono da terra sobre todos aqueles nela abrigados, da responsabilidade destes proprietários enquanto guardiões e protetores daqueles a ele vinculados e, sobretudo, da autoridade dos mais velhos sobre a terra. Membros de uma sociedade agrária, continua o autor, o cultivo da terra dirigido pelo chefe familiar constituía uma virtude fundamental para este povo.

A propriedade da terra era, de acordo com Kershaw (1997), Lonsdale (1990) e Droz (1998), um tema de primeira importância para os Kikuyu. De acordo com Droz (1998), entre os Kikuyu um homem apenas poderia alcançar

---

Na tensa atmosfera de espera um homem colocou-se à frente e avisou que iria falar: «Filhos do casal Ghekoio e Mombi sua mulher e de suas nove filhas que deram origem às nossas nove tribos! Não temais. Somos nós, todos de uma só cor, a nossa cor. Estamos reunidos aqui, no meio da nossa terra, da terra que Deus deu a nossos ancestrais ao sopé do grande monte onde ele tinha sua casa, dizendo: “Vêem esta bela terra? Eu, seu Pai, a dou para que seja eternamente de vocês, e levando os olhos ao monte, venho recordar-lhes que Eu estou no meio de vocês”. Todos queremos o bem do nosso povo. Queremos que nossos filhos tenham o que nós não pudemos ter. Eles não poderão ter de outros senão de nós. O Professor falou muito bem. Nos recordou aquilo que é de interesse nosso e de nossos filhos. Não temos nada a acrescentar ao que ele disse. Ele tem nossa plena aprovação. Gosta dos nossos meninos: com ele mandaremos e seremos numerosos como gafanhotos. Queira o trabalho de nossas mãos: nenhum de nós falhará. Repararemos as construções, e tão somente expresse um desejo, dele faremos novos maiores e mais belos. As plantas dos nossos bosques e o feno das nossas encostas são seus. Sua escola é nossa. Devemos avançar e progredir. Para trás não se retorna mais. Estamos contentes com este dia, porque estávamos dispersos e hoje nos encontramos. É esta nossa intenção – nossa, filhos de **Dona Negra**. Como a comida que comemos e a terra que pisamos, porque esta foi deixada como herança de nossos pais junto com nosso solo e nossas tradições, foi despedaçada pelos **filhos de Dona Branca** e por aqueles que o servem. Esta deve ser reconsagrada hoje, da nossa maneira, para que volte a ter a bênção de nossos pais, e sua maldição volte-se contra aqueles que negaram nossa herança e os frutos da nossa terra). – citações traduzidas livremente pela autora.

o status de *mûramati*, ou seja, de homem realizado, se tivesse gerido bem seu pedaço de terra, se um de seus filhos tivesse sido circuncidado e se tivesse participado dos rituais, respeitado os anciãos e os interditos tradicionais. Entretanto, de acordo com estes autores, os problemas relativos à posse da terra pela população Kikuyu após a Segunda Guerra ter-se-iam agravado em decorrência, sobretudo, da instalação de novos colonos britânicos na região na qual viviam os Kikuyu: apesar de parte desta população ter perdido suas terras em decorrência das grandes secas ocorridas entre os anos 1920 e 1930 e/ou do assentamento de colonos brancos a partir do início do século XX, os pequenos proprietários fundiários e os sem-terra nutriam a esperança de recuperar a posse de um terreno e poder alcançar o status de *mûramati*. No entanto, com a instalação de uma nova leva de colonos brancos após a segunda guerra, a aquisição de parcelas de terra tornava-se praticamente impossível.

Kershaw (1997) afirma que os pequenos proprietários e sem-terra Kikuyu, não tendo mais esperanças de ter acesso à posse de um terreno com o fruto de seu trabalho ou de tornar possível a sobrevivência da família a partir do labor em pequenas propriedades, dadas as políticas coloniais que restringiam cada vez mais as terras que poderiam ser usufruídas pelos nativos e as possibilidades de subsistência dos pequenos proprietários fundiários, encontraram nas proposições Mau Mau a esperança de concretização de seus ideais. Nesse sentido, há dois pontos que precisam ser mais bem explicitados: um diz respeito à concepção kikuyu de pobreza e outro às relações desta população empobrecida com os chefes kikuyus e a constituição do movimento Mau Mau.

De acordo com Kershaw (1997) e Lonsdale (1996) a pobreza, para os Kikuyu, era estigmatizada e os pobres considerados amaldiçoados. Tratava-se de uma sociedade regida, nas palavras de Lonsdale (1996), por uma “teologia

da abundância”<sup>7</sup>, que justificava as desigualdades sociais a partir da noção de que a riqueza era um sinal da bênção divina e a pobreza uma punição pela delinqüência. Considerada uma consequência de forças espirituais, a pobreza, afirma Kershaw (1997), era um sinal de que os pobres ou seus ancestrais eram espiritualmente faltosos. Entretanto, continua a autora, todo bom pobre sabia que poderia acabar com a sua pobreza com trabalho árduo, mas não poderia jamais saber se seria contemplado pelas forças espirituais.

Este tipo de concepção foi nuançado no período colonial quando ao contingente marcado pela pobreza juntaram-se os filhos de proprietários fundiários em decorrência da alienação das terras, das restrições coloniais e do controle europeu. Isso possibilitou aos pobres julgados de acordo com a estrita ética kikuyu, afirmarem que a origem de sua pobreza não era uma falha moral e deslocarem a explicação para a situação em que se encontravam das falhas espirituais para o “demônio colonial” (cf. Kershaw, 1997). Lonsdale (1987 e 1996) salienta que, a princípio, o movimento Mau Mau pretendia chamar os proprietários de terra à sua responsabilidade, a de proteger seus dependentes. É necessário lembrar que, apesar de empobrecidos, os pequenos proprietários e os sem-terra tinham laços de parentesco e/ou de classe de idade com os grandes proprietários fundiários. Entretanto, de acordo com suas concepções, estes estavam traindo a “alma da tribo” ao compactuar com o sistema colonial e não lutar pelos interesses dos todos os Kikuyu. Assim sendo, a organização do movimento começou por pôr em cheque a autoridade dos anciãos ou daqueles que naquele momento dirigiam os assuntos tribais<sup>8</sup> e a combater tudo o que representasse uma possível influência ocidental.

Entretanto, a constituição do que se convencionou denominar movimento ou guerrilha Mau Mau, foi, de acordo com Kershaw (1997), sendo construído ao longo do tempo e a partir de uma classificação externa, que incluía todos os

---

<sup>7</sup> Esta “teologia”, de acordo com o autor coincidia com uma teologia do cristianismo colonial, ou seja, protestante.

<sup>8</sup> Ou seja, uma elite nativa composta de grandes proprietários rurais e de homens letrados, que representavam os indígenas nas instâncias decisórias do governo colonial.

movimentos e associações nativos nesta categoria, particularmente após a Declaração de Emergência, em 1952. Esta autora salienta que a organização destes movimentos e/ou associações era pautada por alianças seladas por juramentos, mas que estes diferiram de uma associação a outra e de um momento a outro. Ela acrescenta que raros foram os juramentos Mau Mau feitos antes de 1950, apesar dos juramentos terem sido oficialmente proibidos desde 1947.

Segundo ela, havia, no início, também diferenças relativas ao meio, rural ou urbano, no qual se estabeleciam alianças baseadas nos juramentos. Essas diferenças, no entanto, foram sendo diluídas com o tempo e com o aumento do trânsito de pessoas, particularmente de homens jovens, entre a reserva tribal e Nairobi, em decorrência da necessidade de buscar trabalho no exterior da reserva. A existência de vários tipos de juramentos, continua a autora, aliada ao fato de que a separação entre Mau Mau, K.A.U. e outras uniões não era clara, é que muitos daqueles que foram considerados Mau Mau não se reconhecem enquanto tal.

Um outro ponto de debate diz respeito à participação de Jomo Kenyatta no movimento Mau Mau ou ainda à atribuição da liderança deste movimento à sua pessoa. Abaixo cito mais um trecho do artigo do Pe. Edmondo Cavicchi, no qual ele transcreve – e traduz - o editorial escrito pelo diretor do jornal *Wathimo Mokinyu*<sup>9</sup>, publicação em língua kikuyu, editada pela missão da Consolata, em abril de 1952:

(...) La maggioranza di noi non sa che cosa sia la Mau-Mau ed a che scopi mirino quelle manifestazioni riprovevoli che tendono ad influenzare per il male il nostro popolo in questi giorni e portano il paese alla rovina. Ha pensato il governo alle misure da prendersi, e, in modo speciale, a formare una commissione di inchiesta per investigare sulle origini di queste attività illegali? Ciò che suscita il nostro stupore è il sentire affermare di tanto in tanto che la Mau-Mau è collegata con la K.A.U (Kenya African Union), poichè è ben noto che la K.A.U. è associazione riconosciuta dal governo

---

<sup>9</sup> Este jornal é, segundo Lonsdale (1987), uma preciosa fonte sobre o nacionalismo Mau Mau, apesar do fato de que, nesta publicação, os Kikuyu falem entre si, mas também para seus pais espirituais.

per la difesa degli interessi di noi neri del Kenya. Che ad essa si debba attribuire la responsabilità delle attività della Mau-Mau è cosa indegna e tale da farle perdere ogni prestigio". (Pe. Edmondo Cavicchi, Missioni Consolata, ano 54, n. 17, set. 1952, p. 198-208)<sup>10</sup>

Kershaw (1997) e Lonsdale (1987, 1990 e 1996) são categóricos em afirmar que Kenyatta jamais chefiou o Mau Mau, apesar de tê-lo sido considerado pelas autoridades britânicas e boa parte da literatura que tratou do assunto no calor da guerrilha. Segundo estes autores, Kenyatta não só não foi líder do Mau Mau como se opôs a este movimento. Kershaw (1997) salienta que uma das grandes decepções dos líderes Mau Mau com a KAU, que foi presidida por Kenyatta nos anos cinqüenta, é que sua plataforma não incluía os interesses dos Kikuyu empobrecidos<sup>11</sup>, mas ressaltava os interesses da elite nativa, geralmente letrada.

O movimento Mau Mau foi, em suma, segundo os autores acima citados, um movimento anti-colonial, mas sobretudo um movimento que dividiu os Kikuyu: considerando toda e qualquer influência ocidental nefasta, os guerrilheiros Mau Mau dirigiram seus ataques particularmente a seus concidadãos. Anderson (2005) afirma que, apesar da opinião européia ter ficado marcada com a idéia de que o Mau Mau fora extremamente violento com os brancos, as vítimas européias foram ínfimas comparadas ao número de Kikuyu assinados por terem sido considerados leais ao governo colonial<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> (...) A maioria de nós não sabe o que é o Mau-Mau nem qual o objetivo dessas manifestações reprováveis que atualmente tendem a influenciar negativamente nosso povo e levam o país à ruína. O governo pensou em tomar medidas e, especialmente, em formar uma comissão de inquérito para investigar a origem desta atividade ilegal? O que suscita nosso espanto é ouvir, de vez em quando, afirmações de que o Mau-Mau é ligado à K.A.U. (Kenya African Union), pois é notório que a K.A.U. é uma associação reconhecida pelo governo para a defesa dos interesses dos negros do Quênia. Que a ela se atribua a responsabilidade das atividades do Mau-Mau é algo indigno e isso a faz perder seu prestígio.

<sup>11</sup> Dentre os quais figuravam os sem-terra, pequenos proprietários e os que serviram como soldados na Segunda Guerra. Estes, de acordo com Kershaw (1997), geralmente filhos escolarizados de pequenos proprietários, ao retornarem ao Quênia, não encontraram trabalho e tinham grande dificuldade em submeter-se à hierarquia tribal.

<sup>12</sup> De acordo com o *Corfield's Historical Survey of the Rebellion* (cf. Anderson, 2005), entre 1952 e 1960, apenas 32 civis europeus foram assassinados e 26 teriam sido feridos pelos Mau Mau, contra 1.819 civis africanos assassinados e 916 feridos. Estes dados não computam os africanos que desapareceram e cujos corpos jamais foram encontrados.

Nesse sentido, as narrativas de missionários publicadas na *Missioni Consolata* são unâimes: elas constantemente ressaltam que nem todos os Kikuyu são Mau Mau e que são eles as maiores vítimas da guerrilha.

(...) “Uno degli errori in cui può essere indotta l’opinione pubblica è di credere che quella setta antireligiosa e antieuropea, di una fazione terroristica relativamente limitata, sia una rivolta in massa di tutta la tribù Kikuyu, dimenticando che la grande maggioranza dei Kikuyu sono appunto vittima dei Mau Mau.

Quattro gruppi

In confronto colla Mau Mau i Kikuyu vanno divisi in quattro gruppi. Al primo gruppo, abbastanza ristretto, appartengono i dirigenti della setta, che spinti dall’ambizione, allettati dal guadagno, e con ogni probabilità stipendiati e diretti da agenti stranieri, iniziarono e dirigono il movimento Mau Mau. Il maggiore esponente del gruppo è Jomo Kenyatta, il cui processo si va svolgendo nel piccolo centro di Kapenguria. Altri dirigenti sono stati arrestati, ma non risulta che la polizia sia riuscita a scoprire il covo dove funziona il cervello della organizzazione.

Un gruppo maggiore ma pur sempre limitato, è quello dei volontari che entrarono spontaneamente nella setta, e ne costituiscono in certo modo il reparto d’assalto. Vi predominano i giovani dai 24 ai 28 anni di età. La maggioranza proviene dalla feccia del suburbio di Nairobi, spregiudicati, delinquenti, soliti a pescar nel torbido, specializzati nel furto e nella rapina. Un contingente è fornito dagli ex-militari che non riuscirono più ad ambientarsi nella loro tribù, che in guerra impararono i metodi della guerriglia e del bottino, che vi perdettero la stima e il rispetto per il bianco, con cui e contro cui combatterono, che presidiarono nei campi di concentramento i prigionieri, obbligati ai più umili lavori.

Il terzo gruppo è rappresentato dalla grandissima massa della popolazione, che l’organizzazione è riuscita a mantenere sotto l’incubo del terrore. Pacifica e felice fino a ieri, questa massa detesta la violenza, e soffre amaramente per i delitti dei Mau Mau e per le misure prese contro di essi. Anche i molti che diedero il nome alla setta, lo fecero di mala voglia, cedendo alle minacce e alla forza, per sfuggire alle rappresaglie, per evitare mali maggiori, considerando l’adesione come una polizza di assicurazione sulla vita. Il compito di riconquistare questa massa, dopo aver eliminato i delinquenti e i criminali, dimostrando che l’autorità ha recuperato il potere di proteggerne la libertà, è il compito che sta a cuore al Governo.

Il Governo ha spiegato un rilevante numero di forze ; ha istituito ben quaranta posti di polizia nel paese dove non ne esistevano che tre o quattro ; ha rastrellato tutto il paese e le foreste ; ha chiuso in prigione e nei campi di concentramento ben 15.000 membri o indiziati della setta ; ha riportato nella riserva della tribù migliaia di individui che prestavano la loro opera nelle concessioni europee ; ha cominciato a processare quanti hanno commesso omicidii e rapine ; ha sequestrato migliaia di capi di bestiame per combattere l’omertà ; ha imposto la grave tassa addizionale di una sterlina a testa per contribuire alle spese di emergenza ; ha promesso ed anche

iniziato migliore sociali". (*Missioni Consolata*, ano 55, n. 3, fev. 1953, p. 36-37)<sup>13</sup>

Na bibliografia consultada nada encontrei acerca do método de recrutamento Mau Mau. As referências limitam-se a dizer que a adesão ao movimento era feita através de um juramento que se assemelhava ao juramento tradicional kikuyu. Os missionários da Consolata, no entanto, são incansáveis na descrição dos atos de violência cometidos pelos guerrilheiros para obrigar as pessoas a aderirem ao movimento, dos assassinatos de cristãos que se recusaram a renegar sua fé aceitando as premissas Mau Mau e da mudança de atitude das pessoas, que se tornaram tristes e circunspectas.

---

<sup>13</sup> (...) Um dos erros nos quais pode ser induzida a incauta opinião pública é o de crer que esta seita anti-religiosa e anti-européia, de uma forma terroristicamente limitada, seja uma revolta em massa de toda a tribo kikuyu, esquecendo que a grande maioria dos Kikuyu são vítimas do Mau Mau.

#### Quatro grupos

Em relação ao Mau Mau os Kikuyu dividem-se em quatro grupos. Ao primeiro, bastante restrito, pertencem os dirigentes da seita que, estimulados pela ambição, seduzidos pelas vantagens, provavelmente pagos e dirigidos por agentes estrangeiros, iniciaram e dirigiram o movimento Mau Mau. O maior expoente do grupo é Jomo Kenyatta, cujo processo está se desenrolando no pequeno centro de Kapenguria. Outros dirigentes foram presos, mas a polícia ainda não descobriu onde funciona o centro da organização.

Um grupo maior, mas também limitado, é o dos voluntários que ingressaram espontaneamente na seita, que constituem de certo modo uma seção de ataque. Nele predominam jovens entre 24 e 28 anos. A maioria provém da corja do subúrbio de Nairobi, pobres, delinqüentes, acostumados a nadar no vício, especializados no furto e na rapina. Um contingente é provido de ex-militares que não conseguiram mais ambientar-se em suas tribos, que na guerra aprenderam os métodos da guerrilha e do saque, que perderam a estima e o respeito pelo branco, com o qual e contra o qual combateram, que conduziram os prisioneiros aos campos de concentração, obrigando-os aos trabalhos mais humilhantes.

O terceiro grupo é representado pela enorme massa da população, que a organização conseguiu manter sob o pesadelo do terror. Pacífica e feliz até ontem, esta massa detesta a violência e sofre amargamente com os delitos dos Mau Mau e com as medidas tomadas contra eles. Ainda que muitos deram seus nomes para a seita, o fizeram de má vontade, cedendo às ameaças e à força, para fugir das represálias, para evitar males maiores, considerando a adesão como uma forma de assegurar a vida. A tarefa de reconquistar esta massa depois de ter eliminado os delinqüentes e criminosos, demonstrando que a autoridade recuperou o poder de proteger a liberdade, está a cargo do Governo.

O Governo aumentou de forma relevante o número de suas forças; instituiu quarenta postos de polícia no país que dispunha até então de três ou quatro; rastreou todo o país e a floresta; encerrou nas prisões e nos campos de concentração 15.000 membros ou iniciados na seita; enviou à reserva da tribo milhares de indivíduos que prestavam serviços nas concessões européias; começou a processar todos os que cometeram homicídios e roubo; seqüestrou milhares de cabeças de gado para combater a sonegação; impôs a alta taxa adicional de uma esterlina por cabeça para contribuir com as despesas da emergência; prometeu e iniciou melhorias sociais.

Selecionei algumas narrativas que creio suficientes para ilustrar esse tipo de descrição:

Il P. Scarcella scrive da Kaheti:

Anche la moglie di Mariano Wacira, il catechista ucciso alcuni mesi or sono, è stata assassinata mentre attendeva al lavoro dei campi nei dintorni di Karothi. Un gruppo di Mau Mau, vestiti da militari e armati di tutto punto, fingendo di andare in giro d'ispezione, hanno fatto strage delle vittime designate: tutta gente che non aveva mai aderito alla setta, oppure aveva ritirato il suo consenso.

Fatti del genere sono all'ordine del giorno.

Nel paese regna il terrore.

Il cambiamento verificatosi tra queste popolazioni nel giro di pochi mesi è assolutamente incredibile. Il Kikuyu hanno perso il loro carattere sereno e faceto; i villaggi sembrano deserti; perfino i bambini si son fatti pensierosi e taciturni.

Da quando gli aderenti alla setta sono stati dichiarati fuori legge, un gran numero di essi, sia uomini sia donne, si son dati alla macchia in una forma di vero e proprio banditismo.

Particolarmente impressionante l'evoluzione che si va compiendo tra le donne.

La donna Kikuyu, com'è noto, non era ammessa ai sacrifici pagani. Ogni forma di giuramento ufficiale (Muma) era strettamente riservato agli uomini. Ora i Mau Mau hanno rotto questa tradizione, e, con grande scandalo e disapprovazione degli anziani, hanno costretto al giuramento le donne e anche i bambini. Gli uomini e le donne sono stati così resi uguali dalla "Muma", e nelle famiglie, scomparso il senso del rispetto e della subordinazione, s'è creato uno stato di pericolosa anarchia.

Il "Gotahekio", che è una cerimonia con cui gli indigeni vengono liberati dagli obblighi imposti dal giuramento o "Muma" dei Mau Mau, e che può definirsi come il "contro-Muma", è abbastanza facilmente le donne visi sottomettono, per non rinunciare a un privilegio loro accordato dai Mau Mau. (*Missioni Consolata*, ano 55, n. 13, jul. 1953, p.160)<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> O P. Scarcella escreve de Kaheti:

Também a mulher de Mariano Wacira, o catequista assassinado há alguns meses enquanto dormia, foi morta ao dirigir-se ao trabalho nos campos nos arredores de Karothi. Um grupo de Mau Mau, vestidos e armados como militares, fingindo dar uma volta de inspeção, mataram as vítimas designadas: pessoas que não tinham aderido à seita ou que passaram a reprová-la.

Fatos deste tipo estão na ordem do dia.

No país reina o terror.

A mudança verificada entre esta população no desenrolar de poucos meses é absolutamente inacreditável. Os Kikuyu perderam seu jeito sereno e faceiro; as aldeias parecem desertas; até mesmo as crianças tornaram-se pensativas e taciturnas.

Desde que os aderentes à seita foram declarados fora da lei, um grande número destes, homens ou mulheres, puseram-se a roubar como bandidos.

Particolarmente impressionante é a evolução que ocorre entre as mulheres. A mulher Kikuyu, como é sabido, não era admitida nos sacrifícios pagãos. Todas os tipos de juramento oficial (Muma) eram estritamente reservados aos homens. Os Mau Mau quebraram esta tradição e,

A inclusão de mulheres no movimento Mau Mau foi considerada uma novidade e uma afronta à hierarquia kikuyu, já que as cerimônias de juramento eram tradicionalmente restritas aos homens. De qualquer modo, o próprio movimento Mau Mau já era uma afronta à autoridade tradicional, como vimos antes. No entanto, o juramento que poderia ser feito também por mulheres, chamado “juramento para o movimento” ou “juramento para o Mau Mau”, de acordo com Kershaw (1997), pode ser considerado uma marca do início do movimento Mau Mau para os Kikuyu. A partir de então, todos que prestavam o juramento sabiam que o faziam para o Mau Mau.

Na bibliografia consultada não há referências às reações dos anciãos ao juramento aberto às mulheres. Entretanto, se este foi desaprovado pelos anciãos Kikuyu, como afirma o padre Scarcella acima, não parece ter tido sua aprovação. Ele refere-se à abertura do juramento às mulheres como a causadora “de um estado de perigosa anarquia” nas famílias kikuyus. É preciso levar em consideração que, em se tratando de um estado de guerra, toda e qualquer iniciativa da guerrilha teria uma tendência a ser rechaçada. Outro ponto a ser também considerado diz respeito ao lugar ocupado pela autoridade paterna e respeito aos mais velhos no imaginário católico.

Quanto à cerimônia de liberação do juramento Mau Mau, Kershaw (1997) refere-se a uma cerimônia, *gutahikio*, organizada por um comitê composto por alguns europeus e proprietários de terra Kikuyu, liderada por um chefe kikuyu protestante, Waruhiu wa Kungu, querido dos europeus. Segundo a autora, tratava-se de uma cerimônia que obrigava aqueles que tinham feito o juramento Mau Mau a confessá-lo. A confissão seria conseguida colocando em presença do suspeito a pedra *githathi*, uma pedra que induzia a confissões em

---

com grande escândalo e desaprovação dos anciãos, têm forçado as mulheres e mesmo as crianças ao juramento. Os homens e as mulheres passaram a ser considerados iguais no “Muma” e na família, quebrando o sentido do respeito e da subordinação, criando-se um estado de perigosa anarquia.

O “Gotahekio”, que é uma cerimônia com a qual os indígenas liberam-se das obrigações impostas pelo juramento ou “Muma” dos Mau Mau, podendo definir-se como o “contra-Muma”, não é muito procurado pelas mulheres, para não renunciarem a um privilégio que lhes foi outorgado pelos Mau Mau.

virtude de sua sacralidade e medo que inspirava. Após a confissão é que se executava a cerimônia de purificação ou *gutahikio*. Ainda de acordo com esta autora, o uso de juramentos sagrados aterrorizava cristãos e não-cristãos, membros e não membros do Mau Mau, por serem considerados, pelos cristãos, como demoníacos e, pelos não-cristãos, como sagrados. No entanto, continua a autora, apesar de rejeitar os juramentos, Waruhiu incentivou entusiasticamente o uso da pedra *githathi* para obrigar os suspeitos de participar da guerrilha Mau Mau a confessarem sua participação neste movimento.

### **As missões durante o período Mau Mau**

Durante o período de atividades mais intensas da guerrilha Mau Mau, entre 1952 e 1954, o funcionamento das missões da Consolata ficou seriamente comprometido. Missionários e missionados, por representarem um canal de entrada de influências ocidentais no mundo tradicional kikuyu, constituíam alvos bastante visados pelos guerrilheiros, que, de acordo com inúmeros relatos publicados na *Missioni Consolata*, incendiaram e destruíram equipamentos das missões, como escolas, igrejas, dispensários e casas, além de assassinar três missionárias e inúmeros católicos negros. No entanto, apesar dos riscos de continuarem nas missões, há vários relatos sobre a persistência de missionários e missionados, no sentido de reconstruir o que foi destruído e dar continuidade às atividades desenvolvidas na missão.

Passò più di un mese, e la notte del 26 luglio un'orda di Mau Mau appiccava il fuoco alla chiesa, alle case dei maestri, alle aule scolastiche. La casetta del Padre, un po' più lontana, fu dimenticata. Svegliato da alcune fucilate, il P. Giacomino vide il rogo che divorava tante fatiche e tante speranze... Ma urgeva mettere in salvo il SS. Sacramento. Col fido Giuseppe, il ragazzo di servizio già scampato una volta dalle mani dei terroristi, si lanciò nella chiesa in fiamme, prelevò la Pisside e col ragazzo cercò riparo nella boscaglia, dove consumarono le sacre specie e, nascoti in un cespuglio, attesero l'alba, col continuo timore di essere scoperti e uccisi dai Mau Mau, oppure, per sbaglio, dalla Polizia.

Il mattino seguente stavamo osservando con lui le ceneri fumanti di quella che era stata la missione di Ngandu, e ci chiedavamo se questo non sarebbe stato un colpo fatale per la cristianità, già tanto tormentata. Avrebbero, i neofiti e gli stessi maestri, avuto il coraggio di resistere alla prova? E quanti dei trecento alunni, molti dei quali ancora pagani, avrebbero osato farsi ancora vedere in una scuola presa di mira dai Mau Mau con tanto accanimento? Ma nessuno mancò all'appello.

Con la debita autorizzazione si fece una sottoscrizione, e con l'aiuto della popolazione si poterono costruire in breve tempo due nuove aule in terra battuta, e la scuola riprese il suo regolare funzionamento.

Ma la notte del 2 ottobre i Mau Mau incendiavano la scuola di Kaheraine, una succursale di Ngandu, dopo aver legato e minacciato i tre maestri cattolici. E due notti dopo erano in fiamme anche le scuole ricostruite a Ngandu.

Allo spettacolo delle nuove rovine trovammo i ragazzi in pianto. Radunammo il consiglio dei capi-famiglia e dei maestri per discutere il da farsi. Tutti erano fermamente decisi a resistere. Dicevano: "Padre, siamo pochi e siamo odiati, ma siamo decisi a combattere per la nostra fede. E vogliamo ricostruire la chiesa e la scuola in pietra e in lastre zincate, così che nessun fuoco possa più distruggerle. Padre, non ci abbandonate!".

Abbiamo promesso a quegli eroici cristiani di dar loro tutto l'aiuto possibile, e abbiamo motivo di ritenere che anche dall'Italia molti manderanno volentieri una pietra per la ricostruzione della chiesa e della scuola di Ngandu. (Pe. Antonio Giannelli, *Missioni Consolata*, ano 55, n. 23, dez. 1953, p. 248-249)

15

---

<sup>15</sup> Passou mais de um mês e, na noite de 26 de julho, uma horda Mau Mau incendiou a igreja, a casa dos professores, as salas de aula. A casinha do Padre, um pouco mais distante, foi poupada. Despertado por alguns tiros, o Padre Giacomino viu o fogo que devorava tanto cansaço e tanta esperança... Mais urgia colocar a salvo o Santíssimo Sacramento. Com o fiel Giuseppe, o rapaz de serviço que já havia escapado uma vez das mãos dos terroristas, lançou-se na igreja em flamas, retirou a Pátena e, com o rapaz, buscou abrigo no bosque, onde tomaram a hóstia sagrada e, escondidos numa moita, esperaram amanhecer, temendo serem descobertos e assassinados pelos Mau Mau ou, por erro, pela polícia.

Na manhã seguinte observamos com ele o cenário fumegante daquela que tinha sido a missão de Ngandu e então nos perguntávamos se aquele não teria sido um golpe fatal na cristandade, já muito atormentada. Os neófitos e seus mestres teriam coragem de resistir à prova? E quantos dos trezentos alunos, muitos dos quais ainda pagãos, ousariam frequentar uma escola atingida pelos Mau Mau com tanta fúria? Mas nenhum faltou ao apelo.

Com a devida autorização fez-se um abaixo-assinado e, com a ajuda da população pode-se rapidamente construir duas novas salas em terra batida e a escola retomou seu funcionamento normal.

Mas na noite de 2 de outubro os Mau Mau incendiaram a escola de Kaheraine, uma sucursal de Ngandu, após terem prendido e ameaçado os três professores católicos. Duas noites depois até a escola reconstruída em Ngandu estava em chamas.

No cenário da nova ruína encontramos os rapazes em pranto. Reunimos o conselho dos chefes de família e dos professores para discutir o que fazer. Todos estavam firmemente decididos a resistir. Disseram: "Padre, somos poucos e odiados, mas estamos decididos a combater pela nossa fé. E queremos reconstruir a igreja e a escola em pedra e zinco para que nenhum fogo possa destruí-las. Padre, não nos abandone!".

A persistência em continuar a trabalhar nas missões e/ou em freqüentá-las, apesar da constante ameaça representada pela guerrilha ganha, nas narrativas, um caráter de heroísmo. Heroísmo este que nos relatos de casos envolvendo nativos assassinados ou torturados por não terem abjurado a fé cristã e compactuado com o Mau Mau, fazendo o “juramento para o movimento”, transforma-se em martírio.

Frattanto altri nomi scritti col più puro sangue si aggiungono al martirologio della Chiesa del Kenya. Sono segnalati fra altri quello di Giulio Ngare di Fort Hall, già orfanello raccolto nella brughiera, che in molti anni di insegnamento si è reso benemerito come zelante maestro-catechista; Faustino Wanduma e Domenico Wambogo, due cristiani esemplari della ora distrutta scuola cappella di Ithengori; Natalina Wangoi che, uccisa con una fucilata e decapitata, ha seguito nel martirio, a distanza de poche settimane, suo marito Mariano Wacira.

Sono questi eroi che, col loro olocausto, col loro sangue generoso, col loro puro esempio, anche più delle armi della polizia, otterranno presto da Dio il ritorno della pace fra il lor popolo; sono essi che infondono ai missionari le migliori speranze di vedere in un prossimo avvenire rifiorire e prosperare più rigogliose le cristianità. (Pe. Merlo Pick, *Missioni Consolata*, ano 55, agosto de 1953, p. 180-182) <sup>16</sup>

O relato acima transcrito é acompanhado de fotos de alguns dos “mártires” assassinados por guerrilheiros Mau Mau e escrito de uma forma bastante semelhante à das histórias dos santos mártires, leituras geralmente recomendadas aos catecúmenos em preparação para receber o sacramento da comunhão e bastante lida, pelo que pude observar quando realizava trabalho de campo, pelos missionários. Esse tipo de literatura, como afirma Cholvy

---

Prometemos àqueles heróis cristãos dar toda a ajuda possível e temos motivo para acreditar que mesmo da Itália muitos enviarão voluntariamente uma pedra para a reconstrução da igreja e da escola de Ngandu.

<sup>16</sup> Nesse período outros nomes escritos com o mais puro sangue foram adicionados ao martirologio da Igreja do Quênia. Assinalamos entre estes o nome de Giulio Ngare de Fort Hall, um órfão que tempos atrás foi recolhido na floresta, que em muitos anos de aprendizado tornou-se benemerito como um zeloso professor-catequista; Faustino Wanduma e Domenico Wambogo, dois cristãos exemplares da agora destruída escola capela de Ithengori; Natalina Wangoi que, assassinada com um tiro e decapitada, seguiu no martírio, com um intervalo de poucas semanas, seu marido Mariano Wacira. São estes heróis que, com seu holocausto, com seu sangue generoso, com seu puro exemplo, muito mais que as armas da polícia, obtiveram junto a Deus o retorno da paz para seu povo; são estes que infundem nos missionários as maiores esperanças de ver num futuro próximo a cristandade reflorescer e prosperar.

(2001), juntamente com os relatos dos sofrimentos vivenciados nas missões longínquas, representa um ingrediente fundamental no encorajamento de jovens que desejam tornar-se missionários. Isso ocorre porque a instituição religiosa é o lugar privilegiado do discurso sobre o sacrifício. O sacrifício de si mesmo, afirma Nicole Laurin (1999), representa para o crente a comunhão com os sofrimentos, a morte e, em última instância, a glória de Cristo.

Sendo a instituição religiosa o lugar privilegiado para o discurso sobre o sofrimento, a escolha de ligar-se a uma instituição religiosa enquanto missionário pressupõe o desejo de realização de um sacrifício pessoal, parte de um projeto de sagração da vida a Deus, cuja representação é a do abandono da idéia de conforto e segurança pessoal e de doação de sua vida ao cuidado dos outros. Nesse sentido, a noção de dedicação aproxima-se da noção de caridade, uma ação que só pode ser desenvolvida na relação com o sofrimento alheio.<sup>17</sup>

Desse modo, a condição *sine qua non* para a dedicação ou a caridade é a existência de sofredores que necessitem cuidados. Uma outra característica da caridade é que o único cálculo que ela permite fazer é aquele referente ao engrandecimento do espírito e à conquista de um lugar no céu. Esse caráter de dom da caridade a diferencia, segundo Donzelot (1977), da filantropia, na qual se calcula onde, o quê e em quem investir. No século XIX, continua o autor, houve uma luta entre a caridade e a filantropia vencida pela última. Com a hegemonia da filantropia, não sobrou muito espaço para o sentimento caridoso, que ficou praticamente restrito aos incuráveis, sofredores e miseráveis.

Ora, pelo que se pode depreender das narrativas de missionários já citadas, a forma pela qual eles concebem os Kikuyu é pautada pela idéia de que eles são sofredores, vítimas do ódio, da violência e da desestruturação social provocada pela guerrilha Mau Mau. Assim sendo, restava aos missionários organizarem-se para tentar diminuir o sofrimento daquela população.

---

<sup>17</sup> Donzelot (1977: 65-6) afirma que a caridade é fundada na existência de um sofrimento a ser consolado e no sentimento de magnificência que sua diminuição traz ao doador.

In ogni villaggio si cerca di istituire un asilo per l'assistenza dell'infanzia e una scuola di cucito per le ragazze. Le suore si dedicano in prevalenza all'istruzione religiosa e alla cura degli infermi, sempre numerosi. Il Missionario intanto si interessa della vita del campo, procurando di venire incontro alle varie necessità, oppure riferendo al Governo nei casi più gravi. In particolare merita di essere segnalata la preziosa attività dei nostri medici, - il Dott. Pagliarani, il Dott. Landra e il Padre Dagnino – i quali periodicamente visitano i villaggi per svolgervi la loro opera di medici e di chirurghi, riscuotendo dovunque grande riconoscenza, anche in ambienti che in passato si erano rivelati refrattari alla nostra azione. (Pe. Antonio Giannelli, *Missioni Consolata*, ano 56, n. 24, dez. 1954, p. 255-256)<sup>18</sup>

É nesse sentido que, apesar dos riscos - ou em virtude do perigo para a segurança pessoal, já que o sacrifício de si é concebido como uma condição de engrandecimento e santificação – e do fechamento de várias missões, os missionários continuam visitando as aldeias e organizando esquemas de coleta e distribuição de alimentos, roupas e medicamentos, sobretudo para a população confinada nas aldeias construídas pelo governo colonial com o objetivo de impedir as relações entre a população aldeada e os guerrilheiros.

I nuovi villaggi, ideati e imposti per staccare la popolazione connivente dalle squadre dei Mau Mau combattenti, sorgevano un po' dovunque a ritmo sempre più accelerato e la gente vi veniva rinchiusa sotto la più stretta sorveglianza. Questi villaggi dovevano, per ordine del Vescovo, essere visitati dai Missionari il più sovente possibile, con ogni mezzo, in ogni stagione. Benaccolti o malvisti, benedetti o maledetti, Padri e Suore dovevano essere presenti dovunque. Fu allora che essi ebbero sotto gli occhi lo spettacolo spaventoso della miseria materiale e spirituale in cui questo popolo era venuto a cadere. Centinaia e migliaia erano le vittime della fame, delle malattie, della morte.

Il Vescovo mise nelle mani dei Missionari tutto quello che aveva, e, per quanto non aveva, si fece mendicante, lanciando in tutte le parti del mondo appelli di soccorso per questo popolo stremato. E la carità afflùì, specialmente dall'America e dall'Europa. Allora ebbe principio quel

---

<sup>18</sup> Em cada aldeia se busca construir uma escola para cuidar da infância e uma escola de costura para as moças. As irmãs dedicam-se prioritariamente à instrução religiosa e à cura dos enfermos, sempre numerosos. Por seu lado, o missionário interessa-se pela vida no campo, procurando ir ao encontro das várias necessidades, procurando o Governo nos casos mais graves. Merece ser particularmente assinalada a preciosa atividade dos nossos médicos – Dr. Pagliarani, Dr. Lantra e o Padre Dagnino -, que visitam periodicamente as aldeias para atuar como médicos e cirurgiões, recebendo grande reconhecimento, no mesmo ambiente que, no passado, revelou-se refratário à nossa ação.

meraviglioso apostolato delle opere di misericordia, che copre la nudità infreddolita con panni caldi e puliti, che sazia di farina e di latte la fame, che benda le piaghe, lenisce le ferite, visita il carcerato, non disarma di fronte al rifiuto, dona amore a chi non ha che odio.

Non era la lingua che parlava: era la carità che faceva conoscere la vera Chiesa di Gesù. Sofferenza e carità prepararono l'ora della grazia per questo popolo. (Pe. Francesco Casaldi, *Missioni Consolata*, ano 59, n. 5, mar. 1957, p. 54-59)<sup>19</sup>

Pelo que foi descrito nos trechos de narrativas transcritas pode-se concluir que os missionários da Consolata permaneceram bastante próximos da população Kikuyu durante a gurrilha Mau Mau. Essa proximidade, marcada pelas visitas de missionários às aldeias, pela prestação de serviços de cura e a doação de alimentos, vestimentas e medicamentos criou uma identidade entre eles que superou a divisão nativo/colonizador.

Nesse sentido, vale ressaltar que a posição dos consolatinos, italianos, no panorama colonial, apesar de não ser idêntica à dos nativos, não era a mesma ocupada pelos colonos britânicos. De acordo com Anderson (2005), no Quênia, a sociedade colonial era estratificada a partir de critérios de raça. Nesta estratificação os negros eram separados dos brancos e, dentre os brancos, os que não fossem britânicos não poderiam ser membros da alta sociedade branca.<sup>20</sup> Enquanto brancos que não eram tratados da mesma forma que os britânicos, os missionários da Consolata, conforme se pode observar por uma

---

<sup>19</sup> As novas aldeias, concebidas e impostas para isolar a população conivente com o grupo dos combatentes Mau Mau, surgiram em toda parte num ritmo acelerado e nelas as pessoas ficaram reclusas sob a mais estrita vigilância. Estas aldeias deveriam, por ordem do Bispo, ser visitadas pelos missionários o mais freqüentemente possível, com seus meios, em cada estação. Bem acolhidos ou mal vistos, benditos ou malditos, Padres e Freiras deveriam fazer-se presentes. Dessa forma eles viram sob seus olhos o espetáculo pavoroso da miséria material e espiritual na qual aquele povo caiu. Centenas e milhares eram vítimas da fome, da doença, da morte.

O Bispo pôs nas mãos dos missionários tudo que tinha e, quando não tinha nada, fez-se mendicante, lançando em todas as partes do mundo apelos de socorro para este povo cansado. E a caridade afluiu, especialmente da América e da Europa. Então se principiou o maravilhoso apostolado da misericórdia, que cobre a nudez fria com panos quentes e limpos, que sacia a fome com farinha e leite, que cobre as chagas, alivia os ferimentos, visita o prisioneiro, não desarma de imediato a recusa, dá amor a quem tem apenas ódio.

Não era a língua que falava: era a caridade que fazia conhecer a verdadeira Igreja de Jesus. Sofrimento e caridade prepararam a hora da graça para este povo.

<sup>20</sup> Balandier (1993) já havia assinalado esta questão, mostrando a multiplicidade de posições existente na sociedade colonial.

queixa do bispo D. Cavallera, citado por Trevisiol (1989), pensavam-se como mais próximos dos negros.

Além disso, os missionários reclamavam da desaprovação de alguns de seus pedidos de construção de escolas, particularmente de escolas agrícolas ou técnicas, pelo governo colonial. Este também restringia as possibilidades de trabalho aos Kikuyu que não fossem grandes proprietários fundiários o que, apesar, evidentemente, de não ocorrer no mesmo nível, fazia-os perceberem-se mais próximos dos Kikuyu pobres, desprezados pelos grandes proprietários de terra Kikuyu por serem pobres e, dessa forma, concebidos como amaldiçoados pelas forças espirituais, e perseguidos, por um lado, pelo governo colonial, que não lhes dava condições de trabalho e, por outro, pelos guerrilheiros Mau Mau, que lhes impedia de relacionar-se com qualquer branco. Enquanto perseguidos, famintos, doentes e pobres esses Kikuyu certamente acionaram nos missionários as noções relacionadas à caridade, impulsionando-os a se lançarem na ajuda a estas pessoas.

### **Escolas católicas, protestantes e independentes: religião e escolarização**

A afirmação de que as missões católicas sustentam-se em três eixos fundamentais - catequese, serviços de cura e educacionais – parece ser um ponto pacífico entre os estudiosos do fenômeno missionário. O caso das missões da Consolata na região kikuyu parece não fugir a esta regra. No entanto, tendo em vista o lugar dado, nos artigos e relatos publicados na *Missioni Consolata*, às atividades relacionadas à educação, creio que não seria exagerado afirmar que, neste caso, há uma preponderância da escola sobre os outros setores. Dito de outro modo, as atividades educativas parecem ser a menina dos olhos dos missionários lá atuantes, o setor no qual mais se investe e o que prepondera sobre as demais atividades missionárias.

Esta preponderância, no entanto, parece ter passado a vigorar apenas após a guerrilha Mau Mau. No início da guerrilha, pelo que se pode depreender

dos artigos publicados na *Missioni Consolata*, apesar de não haver uma precisão de dados, parecia não haver um grande número de alunos freqüentando as escolas católicas e estas não pareciam ser grandes nem numerosas. O pouco número e o reduzido tamanho das escolas católicas poderia ser explicado pelo fato dos missionários da Consolata, italianos, terem se ausentado de suas atividades durante a Segunda Guerra, quando ficaram detidos num campo de concentração.<sup>21</sup> Além disso, os católicos não pertenciam a uma congregação de mesma nacionalidade do Estado colonizador, o que pode ter-lhes restrito possibilidades de financiamento para a construção e manutenção de escolas, e tinham ainda que se defrontar com a concorrência das escolas protestantes e independentes.

Estas, de acordo com Droz (1999), foram construídas nas *White Highlands* por iniciativas de *squatters* que desejavam que seus filhos fossem escolarizados – as escolas das missões concentravam suas atividades no interior das reservas nativas. As escolas independentes associaram-se formando o movimento das escolas independentes, que se pretendiam independentes de igrejas, mas que, ainda segundo Droz, mantinham estreitas relações com duas igrejas independentes, a *African Independent Pentecostal Church of East Africa* e a *African Orthodox Church*. Além disso, continua o autor, mesmo que essas escolas não tivessem inserções religiosas, sua existência em si mesmo serve para explicitar o elo que, no Quênia, une educação e missão, fortalecido pela interdependência entre educação e emprego.

Documentando il crescere della violenza e del disordine scatenato nel Kenya dalla setta dei Mau Mau il Governatore Sir Evelyn Baring dichiarava alla radio il 21 ottobre u.s.: “La persecuzione contro i cristiani Kikuiu è cresciuta in crudeltà. Si sono assalite delle missioni; si sono minacciati e maltrattati maestri e allievi delle scuole dipendendi dalle missioni”.

---

<sup>21</sup> Ainda não consultei os números da *Missioni Consolata* publicados durante a guerra. No entanto, de tanto em tanto há referências ao período em que os missionários permaneceram nos campos de concentração.

(...) Furono ancora i Missionari cattolici a combattere nel 1929 il sorgere e l'estendersi delle Scuole indipendenti, organizzate dalla *Kikuyu Independent Schools Association*, e da altre associazioni minori. È da poco più di un mese che il Governo poté constatare come queste cosiddette Scuole erano veri centri di propaganda sovversiva, moltiplicatisi in modo da formare una rete che copre tutto il paese. (...) A tutti gli allievi e ai loro genitori si era fatto giurare fedeltà alla setta. Gli insegnanti, preparati alla propaganda sovversiva in una scuola diretta dallo stesso Jomo Kenyata, erano trasformati in attivisti di alto grado e in valenti organizzatori delle cerimonie di iniziazione alla setta. "Erano veri semenzai di Mau Mau", così si esprime il corrispondente del Daily Express, "e pare che il Governo stesse ad odorarne i fiori, anziché disperderne persino il suolo!".

Contro di questa organizzazione scolastica, che faceva capo a una nuova setta religiosa nata da un clamoroso scisma verificatosi nelle missioni protestanti, e contro i suoi insegnamenti, deleteri per l'ordine, la pace, la giustizia e per il benessere della popolazione, i Missionari furono quasi soli a ingaggiar battaglia. È interessante leggere oggi quanto il nostro P. Cagnolo scriveva a questo riguardo nella sua monografia sui Kikuyu, pubblicata in lingua inglese nel 1933. "È con sorpresa che notiamo l'apertura di Scuole indipendenti, veri semenzai di bolscevismo, che sorgono qua e là nella riserva indigena, con un sentimento sempre più intenso di xenofobia e con la pretesa puerile di essere ormai capaci e ansiosi di fare da sé ... È ancor più sorprendente constatare come certe Autorità responsabili non abbiano afferrato il vero significato di queste Scuole". L'autore continuava invocando un più vigile e sia pur paterno controllo sulle associazioni politiche.

Nè mancarono in seguito altri richiami da parte dei Missionari. Essi conducevano la loro battaglia con mezzi pacifici, persuadendo, illuminando, smascherando l'errore, segnalando il pericolo, pur mantenendo sempre relazioni di comprensione e di simpatia verso gli erranti. Numerosi furono sempre, in quei tempi, gli "Indipendenti" che passavano nelle nostre file, quando non si trattava di scuole intere. (Pe. Merlo Pick, *Missioni Consolata*, ano 55, n. 1, jan. 1953, p. 9-15)<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Documentando o crescimento da violência e da desordem espalhadas no Quênia da seita Mau Mau o Governador Sir Evelyn Baring declarava no rádio em 21 de outubro: "A perseguição contra os cristãos Kikuyu cresceu em crueldade. São agredidos nas missões; os alunos e professores das escolas ligadas às missões são ameaçados e maltratados".

(...) Também foram os missionários católicos que combateram, em 1929, o surgimento e extensão das escolas independentes, organizadas pela *Kikuyu Independent Schools Association*, e por outras associações menores. Há pouco mais de um mês o Governo pode constatar que estas escolas eram centros de propaganda subversiva, multiplicando-se de maneira a formar uma rede que cobre todo o país. (...) Todos os seus alunos, bem como os pais destes, juraram fidelidade à seita. Seus professores, preparados para a propaganda subversiva numa escola dirigida por Jomo Kenyata, transformaram-se em ativistas de alto grau e em valentes organizadores da cerimônia de iniciação da seita. "Eram verdadeiros semeadores dos Mau Mau", assim diz o correspondente do Daily Express, "e parece que o Governo até mesmo adornou suas flores, ao invés de destruir seu solo!".

Contra esta organização escolar, que dirigia uma nova seita religiosa nascida de um clamoroso cisma ocorrido nas missões protestantes, contra seus ensinamentos, deletérios para a ordem, a paz, a justiça e para o bem estar da população, os Missionários foram praticamente os únicos

De acordo com Kershaw (1997), as associações às quais estavam ligadas as escolas independentes em alguns momentos serviram de meio para a coleta de dinheiro e organização de um movimento nacionalista vinculado à K.A.U., organização à qual pertencia Kenyatta. Este, segundo Lonsdale, Kershaw, Droz e Anderson, jamais pertenceu ao movimento Mau Mau. No entanto, se não há evidências históricas da relação entre as escolas independentes e o Mau Mau, o fechamento destas escolas, ao restringir ainda mais as possibilidades dos Kikuyu sem-terra de oferecerem a seus filhos uma educação letrada, contribuiu para empurrá-los em direção ao Mau Mau, naquele momento sua única esperança (Kershaw, 1997).

O fechamento destas escolas diminuiu, evidentemente, a oferta de vagas. Por outro lado, apesar da guerrilha e da destruição de prédios das missões, os consolatinos permaneceram em campo reconstruindo-os e, em alguns casos, construindo novas escolas e hospitais, que deveriam ser feitos de pedra para resistir aos incêndios provocados pelos guerrilheiros.

Nonostante i tempi tristi che attraversiamo per le gesta disumane dei Mau Mau, in mezzo a tante giornate tempestose, la Provvidenza ci ha voluto concedere una giornata di serenità e di giubilo in occasione dell'inaugurazione d'una importante istituzione educativa: il nuovo Collegio femminile con la Scuola media e la Scuola magistrale, costruito recentemente nella missione di Nyeri, in una amena località ai piedi d'una pittoresca collina. Si tratta d'un complesso di eleganti costruzioni in pietra, che comprendono tutto quanto occorre per il buon funzionamento d'una casa di educazione: aule, laboratorio, dormitorio, refettorio, cucina, ecc. La

---

a engajar-se na batalha. É interessante ler o que o nosso P. Cagnolo escreveu sobre este assunto em sua monografia sobre os Kikuyu, publicada na língua inglesa em 1933. “É com surpresa que notamos a abertura das Escolas Independentes, verdadeiras sementes do bolchevismo, que surge aqui e ali na reserva indígena, com um sentimento sempre mais intenso de xenofobia e com a inocente pretensão de agora em diante ser capaz de fazer sozinho... É ainda mais surpreendente constatar como certas Autoridades responsáveis não tinham se inteirado do verdadeiro significado desta Escola”. O autor continuava invocando mais vigilância e controle sobre sua associação política.

Não faltaram reclamações da parte dos missionários. Eles conduziram sua batalha com meios pacíficos, persuadindo, iluminando, desmascarando o erro, assinalando o perigo, sempre mantendo relações de compreensão e simpatia com aqueles que erravam. Numerosos foram sempre, naquele tempo, os “Independentes” que passaram para o nosso lado, quando não se tratava de uma escola inteira.

costruzione è opera della squadra di muratori africani diretta dal nostro Coad. Luigi Dellavalle. Che già ha al suo attivo paracchi bellissimi fabbricati in pietra e mattoni in varie località delle missioni. (Pe. Nicola Mariano, *Missioni Consolata*, ano 56, n. 3, jan. 1954, p. 36-37)<sup>23</sup>

Um outro fator que, segundo os missionários, os encoraja na construção de novas escolas é o interesse dos Kikuyu pela educação:

In cinquant'anni, per merito dell'assistenza sanitaria, la popolazione s'è pressochè triplicata. Si sono aperte e moltiplicate le scuole, così da rendere possibile per tutti i Kikuyu l'istruzione elementare, e da offrire ai più intelligenti la possibilità di arrivare nei loro studi finó all'Università. Da parte loro i Kikuyu hanno approfittato di questi benefici. Il desiderio dell'istruzione è diventato una vera passione. E' mancato invece un miglioramento nella concezione e nella pratica del lavoro agricolo e artigiano. Questa incompreensione ha spinto la quasi totalità dei giovani nella città di Nairobi, dove sono diventati facile preda d'una propaganda disfattista. (relato sobre visita às missões no Quênia do Pe. Domenico Fiorina, Superior Geral, *Missioni Consolata*, ano 56, n. 9, mai 1954, p. 104-107)<sup>24</sup>

Nesse sentido, Droz (1999) chama a atenção para o fato de que os Kikuyu viram na educação uma possibilidade de sair do estado de pobreza e alcançar a realização pessoal. Este autor parte da hipótese de que os Kikuyu converteram-se ao cristianismo por este representar a única maneira de ter acesso à educação. O autor afirma que apenas houve lugar para “verdadeiras conversões” nos primeiros anos das missões. Posteriormente, segundo ele, nos anos 20 e 30, houve uma onda de conversões em massa, suscitadas pelas

---

<sup>23</sup> Apesar dos tempos tristes que atravessamos por causa das ações desumanas dos Mau Mau, em meio a tantos dias de tormento, a Providência quis conceder um dia de serenidade e júbilo por ocasião da inauguração de uma importante instituição educacional: o novo Colégio feminino que tem Escola média e Magistério, construído recentemente na missão de Nyeri, num agradável lugar ao sopé de uma pitoresca colina. Trata-se de um complexo de elegante construção em pedra, no qual há todo o necessário para o bom funcionamento de uma casa de educação: salas de aula, laboratório, dormitório, refeitório, cozinha, etc. A construção é obra do grupo de pedreiros africanos dirigido pelo nosso Coad. Luigi Dellavalle. Ele outrora atuou na construção de belíssimas obras em pedra e tijolo em várias localidades da missão.

<sup>24</sup> Em cinquenta anos, por mérito da assistência sanitária, a população quase triplicou. Abrimos e multiplicamos escolas, o que tornou possível para todos os Kikuyu a instrução elementar e oferecer aos mais inteligentes a possibilidade de alcançar os estudos universitários. De sua parte, os Kikuyu aproveitaram este benefício. O desejo pela instrução transformou-se numa verdadeira paixão. Faltou, no entanto, melhoramentos na concessão e na prática do trabalho agrícola e artesanal. Esta incompreensão empurrou a quase totalidade dos jovens para a cidade de Nairobi, na qual se transformaram em presa fácil de uma propaganda derrotista.

novas perspectivas abertas pelos empregos conseguidos pelos primeiros conversos. O exemplo destes teria provocado um grande interesse pelas escolas, capazes de transformar um homem pobre num empregado da administração colonial.

Droz, ao sustentar essa hipótese, contradiz parte de sua própria argumentação quando, por exemplo, descreve o papel desempenhado pela educação dos filhos na realização pessoal de um homem Kikuyu na atualidade: ele afirma que, apesar de saberem que ser escolarizado não é mais garantia de acesso a um trabalho, o não envio dos filhos à escola, o que pressupõe a incapacidade de pagar as despesas escolares ou a irresponsabilidade dos pais, é motivo de desprezo e vergonha. Da mesma forma, seria vergonhoso para um estudante “matar” aulas. Além disso, conceber as relações entre Kikuyu e missionários como tendo apenas um caráter utilitarista significa desconsiderar toda e qualquer possibilidade comunicacional dos Kikuyu em relação aos estrangeiros.

Caberia perguntar o que o Droz entende por conversão. Ao referir-se a uma “conversão verdadeira”, pressupõe-se que existem “conversões não verdadeiras”. Ora, a conversão, de acordo com Oscar Calávia Saez (1998), é uma crise que reforça profundas reordenações do tecido social e dos costumes, é um espaço para um interesse genuíno, não havendo, portanto, lugar para “falsas conversões”. É possível que o acesso à educação tenha tido um importante papel na adesão ao cristianismo, no entanto, é necessário analisar com mais cuidado os mecanismos simbólicos que entram em jogo na adesão a uma religião.<sup>25</sup> Ao contrário do que propõe Droz, gostaria de sugerir uma leitura das relações entre missionários e Kikuyu que levasse em consideração os contextos nos quais elas foram desenvolvidas, bem como o aspecto simbólico de algumas ações para agentes de ambos os grupos. Um fator a ser considerado é, por exemplo, a iniciativa dos missionários católicos

---

<sup>25</sup> O que também não é feito neste artigo.

de assumir a tarefa de reeducação das crianças Mau Mau mantidas em campos de concentração juntamente com os adultos.

Un anno fa ero stato incluso nella Commissione incaricata di visitare i vari campi dei prigionieri Mau Mau e fin dalla prima visita mi impressionò il gran numero di minorenni detenuti in questi campi. Proposi perciò di separare i giovani dagli adulti, e quando mi si domandò chi potesse assumere la cura di questi giovani, suggerii di affidarli, secondo le possibilità, alle varie Missioni del Distretto. La proposta fu accettata, ma quando si cercò di attuarla le Missioni Protestanti si ritirarono per mancanza di personale e di locali. Allora si decise di radunarli presso la mia missione di Egoji, e fu così che mi toccò occuparmi della rieducazione di questi giovani Ameru. Nel corso delle trattative però vi era stata una condizione sulla quale affermai che non intendevo transigere, e cioè non volevo nè guardie nè filo spinato. I membri della Commissione mi obiettavano: “E se scappano di nuovo?”.

“Se scappano”, rispondevo, “farete come per gli altri fuggitivi: li cercherete, li riprenderete li punirete...”.

Ma io, nell’insistere su questa condizione, sentivo una certa sicurezza e ricordavo, tra l’altro, un ben noto episodio della vita di S. Giovanni Bosco.

A ogni gruppo che arrivava, sostituivo i cenci di cui erano rivestiti con buoni abiti in tela kaki, simili a quelli degli alunni della scuola media, senza alcun segno distintivo; consegnavo a ciascuno gli utensili per la tavola, le coperte per il letto, un bel pezzo di sapone, e poi facevo loro questa paternale: “Ragazzi, come vedete, ora siete nelle mie mani. Qui non vi sono nè sentinelle nè fucili; non vi sono reticolati con la corrente ad alta tensione; non vi sono cani poliziotti, all’infuori dei quattro miei che non avranno nulla a che fare con voi. Perciò se vorrete scappare, avrete tutte le possibilità. Invece se starete tranquilli e disciplinati, qui imparerete l’agricoltura e un mestiere che vi servirà per il vostro domani; imparerete anche a conoscere la religione e, se vorrete, potrete diventare dei buoni cristiani...”.

Ora che il numero dei miei giovani Mau Mau è salito a 76 ragazzi e 56 ragazze (le quali però raggiungeranno presto la bella cifra di 200), vorrei che poteste assistere al loro primo incontro col missionario.

Come mi squadravano da capo a piedi, meravigliati che non portassi addosso nessun’arma come gli altri europei; meravigliati che parlassi la loro lingua facendomi capire senza bisogno di interpreti; meravigliati che non avessi in mano nemmeno una verghetta.

Fin dai primi arrivi si formò subito tra noi una corrente di comprensione e di simpatia e in me si fece sempre più profonda la convinzione che potevo contare sulla buona volontà di quei cari giovani. Ora sono passati sei mesi, e giudicando *humano modo* si può dire che le previsioni non furono sbagliate.

I ragazzi subito si interessarono di mille cose. Molti altamente si stupirono nel vedere tanti altri fanciulli e giovinetti a scuola, mentre i *leaders* Mau Mau li avevano assicurati che tutte le scuole ormai erano sempre zeppa alle funzioni festive, mentre loro si era detto che i missionari già avevano fatto o stavano facendo fagotto, e che nessun africano metteva piede nelle

missões. Ancora più si meravigliarono che i 250 alunni della scuola elementare e le 136 ragazze delle due scuole medie della missione non fossero Mau Mau, come non lo erano le molte centinaia di cristiani che vedevano frequentare la chiesa, mentre era stato loro assicurato che tutto il paese era Mau Mau.

Dopo qualche tempo, fidandomi dell'ambiente sano e profondamente religioso della missione, permisi, anzi provocai il contatto dei giovani Mau Mau con gli altri ragazzi, e questo contatto fu molto benefico. Il vedere bambini e ragazzi molto più giovani di loro, ordinati nella persona e negli abiti, recarsi ogni giorno alla scuola e alla chiesa, parlare correttamente l'inglese, leggere correntemente libri, giornali e manifesti, era per loro causa di meraviglia, non disgiunta da un senso di vergogna, e costituiva pure una forte spinta a lavorare seriamente per portarsi essi pure al livello già raggiunto dai compagni. Per questo è veramente ammirevole l'impegno con cui frequentano non solo la scuola, ma anche il corso di agricoltura e quello di falegnameria, mentre attendono che si dia principio al corso di calzoleria. Le domande che più frequentemente mi rivolgono i numerosi visitatori sono le seguenti: "Non ha paura a stare disarmato con questi piccolo Mau Mau, cresciuti alla scuola dell'odio e della violenza?"

E ancora: "come rispondono alle cure spese per la loro rieducazione?"

Alla prima domanda rispondo: "Se i Mau Mau adulti venissero ad assalirmi, credo che i primi a difendermi sarebbero questi ragazzi".

Alla seconda domanda rispondo che durante questi primi sei mesi di loro permanenza alla missione ho solo dovuto dare tre punizioni, e questo per alcune baruffe scoppiate tra di loro. E aggiungo che, dei 76 ragazzi, 70 si sono iscritti al catecumenato, ricevono regolarmente l'istruzione religiosa e partecipano devotamente alle funzioni domenicali. Tutti poi fanno grandi progressi nell'istruzione scolastica e il loro campo sperimentale agricolo è mèta di molte visite e oggetto di molte lodi. Pur godendo i giovani Mau Mau d'una discreta libertà, finora non vi fu mai nessun tentativo di fuga. E questo è ciò che maggiormente impressiona i visitatori. (*Missioni Consolata*, ano 57, n. 11, jun. 1955, p. 133-134 - Pe. Valentino Ghilardi: relatório sobre os seis primeiros meses após a recepção dos pequenos Mau Mau)<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Fazia um ano que eu tinha sido incluído na Comissão encarregada de visitar os vários campos de prisioneiros Mau Mau e ao final da primeira visita impressionou-me o grande número de menores detidos nestes campos. Por isso, propus separar os jovens dos adultos e quando me perguntaram quem poderia assumir o cuidado destes jovens, sugeri confiá-los, de acordo com as possibilidades, às várias missões do Distrito. A proposta foi aceita, mas quando chegou a hora de colocá-la em prática, os Missionários Protestantes retiraram-se por falta de pessoal e de local. Conseqüentemente decidiu-se reuni-los junto à minha missão de Egoji e coube a mim ocupar-me da reeducação destes jovens Ameru. No curso das negociações, pus uma condição da qual não pretendia transigir, não queria nem guardas nem arame farpado. Os membros da Comissão objetaram: "e se escapam novamente?"

"Se escapam", respondi, "farei como com os outros fugitivos: os procurarei, os repreenderei e os punirei...".

Mas eu, ao insistir nesta condição, sentia uma certa segurança e recordava um conhecido episódio da vida de S. Giovanni Bosco.

A cada grupo que chegava, substituía os trapos com os quais estavam vestidos por boas roupas em tecido cáqui, semelhante àquelas dos alunos da escola média, sem nenhum sinal distintivo; dávamos a cada um os utensílios para a mesa, coberta para a cama, um bom

A guisa de conclusão, seria importante retomar alguns pontos levantados anteriormente para tentar elaborar uma interpretação sobre o estabelecimento

---

pedaço de sabão, depois fazíamos esta advertência: “rapazes, como vêem, agora estão nas minhas mãos. Aqui não sentinela nem fuzil; não há tela de proteção com corrente de alta tensão; não há cão de guarda, além dos quatro que são meus e que não vão fazer nada contra vocês. Se quiserem escapar, vocês têm todas as possibilidades. Mas, se ficarem tranquilos e disciplinados, conhecerão a agricultura e uma profissão que lhes servirá; poderão até mesmo conhecer a religião e, se quiserem, poderão transformar-se em bons cristãos...”.

Agora que o número de jovens Mau Mau chegou a 76 rapazes e 56 moças (aos quais juntaram-se quase a bela cifra de 200), vereis que podeis assistir ao primeiro encontro com o missionário.

Como me mediam da cabeça aos pés, maravilhados com o fato de que eu não portava nenhuma arma como os outros europeus; maravilhados pelo fato de falar sua língua fazendo-me compreender sem precisar de intérprete; maravilhados pelo fato de que não tinha nas mãos nenhum chicote.

Ao final do primeiro encontro formou-se imediatamente entre nós uma corrente de compreensão e de simpatia e em mim tornou-se mais profunda a convicção de que poderíamos contar com a boa vontade daqueles caros jovens. Passaram-se seis meses e pode-se dizer que as previsões não foram errôneas.

Os rapazes rapidamente interessaram-se por milhões de coisas. Alguns ficaram muito admirados de ver outros meninos e juvenzinhos na escola, já que os líderes Mau Mau tinham-lhes assegurado que todas as escolas restringiam-se às funções festivas, era-lhes dito que os missionários tinham feito suas malas ou as estavam fazendo e que nenhum africano colocava os pés nas missões. Maravilharam-se mais ainda pelo fato de que os 250 alunos da escola elementar e as 136 moças da escola média da missão não fossem Mau Mau, como não o eram muitas centenas de cristãos que freqüentavam a igreja, quando lhes era dito que todo o país era Mau Mau.

Depois de algum tempo, fiando-me no ambiente são e profundamente religioso da missão, permiti, ou melhor, provoquei o contato de jovens Mau Mau com outros rapazes e este contato foi muito benéfico. Ver meninos e rapazes muito mais jovens que eles asseados e bem vestidos, dirigirem-se todos os dias à escola e à igreja, falarem corretamente o inglês, lerem correntemente livros, jornais e manifestos, era para eles causa de maravilhamento, apesar de acompanhado de um sentimento de vergonha, isso constituía um forte estímulo para trabalhar seriamente para colocar-se no mesmo nível atingido pelos companheiros. Por isso é verdadeiramente admirável o empenho com o qual freqüentam não só a escola, mas também o curso de agricultura e carpintaria, enquanto esperam que se iniciasse o curso de sapataria.

A pergunta que me foi mais freqüentemente dirigida pelos numerosos visitantes foi a seguinte: “Não tem medo de ficar desarmado com estes pequenos Mau Mau, crescidos na escola do ódio e da violência?”.

E também: “como respondem ao tratamento dispendido para sua reeducação?”.

À primeira pergunta respondo: “Se os Mau Mau adultos viessem assaltar-me, creio que os primeiros a defender-me seriam estes rapazes.

À segunda pergunta respondo que durante estes primeiros meses de sua permanência na missão tive que aplicar apenas três punições e isso por conta da explosão de brigas entre eles. E acrescento que, dos 76 rapazes, 70 inscreveram-se no catecumenato, recebem regularmente instrução religiosa e participam devotamente das funções dominicais. Todos fizeram grandes progressos no que se refere à instrução escolar e seu campo agrícola experimental foi muitas vezes visitado e é objeto de muitos elogios. Por gozar de uma certa liberdade, os jovens Mau Mau até agora não fizeram nenhuma tentativa de fuga. E isso é o que mais impressiona os visitantes.

de vínculos entre missionários católicos e Kikuyu que poderia ter influenciado na afluência em massa de fiéis para a Igreja Católica após o esmorecimento das atividades da guerrilha Mau Mau.

Em primeiro lugar, faz-se necessário lembrar que os consolatinos visitaram permanentemente as aldeias nas quais estava alojada boa parte da população Kikuyu, levando-lhes alimentos, roupas, medicamentos, além de oferecer tratamento para os doentes. Este tipo de atitude, como vimos acima, faz parte da concepção católica do que é ser missionário, ou seja, doar-se aos outros. O sacrifício de si, segundo esta concepção, é uma condição para o alcance da santidade, que é, ao menos teoricamente, o objetivo de todo missionário. Ora, para doar-se ou sacrificar-se é necessário o exercício da caridade, que pressupõe a existência daquele que se dispõe a doar e daquele que precisa receber e, de acordo com Cholvy (2001), a única forma possível de recompensa pela caridade é o engrandecimento do doador. Desse modo, o pobre ou aquele que necessita de ajuda é condição essencial para a existência da caridade e, portanto, para a realização do projeto missionário.

Além disso, faz-se necessário ressaltar a importância de que se reveste a categoria *pobre* no imaginário católico. O *pobre* aqui tem uma conotação positiva - vale lembrar uma expressão bastante citada nos sermões católicos, “é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, que um rico entrar pela porta do céu” -, ao contrário daquela que tem lugar na chamada, conforme Lonsdale, “teologia da abundância”, segundo a qual a riqueza seria um sinal da bênção de Deus. A valorização dos pobres e a atenção a eles destinada pode ter calado nas mentes e corações dos Kikuyu empobrecidos e rejeitados por seus concidadãos abastados. Eles podem ter encontrado neste tipo de concepção um alento para sua sorte...

## Referências Bibliográficas

- ANDERSON, D. *Histories of the Hanged: the dirty war in Kenya and the end of Empire*. 2005. New York, W. W. Norton & Company.
- ARAÚJO, M. Do corpo à alma: missionários da Consolata e índios Macuxi em Roraima. 2006. São Paulo, Ed. Humanitas.
- BALANDIER, G. 1993. A noção de “situação colonial”. *Cadernos de Campo*, 3: 107-131.
- CALAVIA SÁEZ, O. 1998. Campo religioso e grupos indígenas no Brasil. *Antropologia em primeira mão*, 25: 1-30.
- CHOLVY, G. *Christianisme et société en France au 19<sup>ème</sup> siècle (1790-1914)*. 2001. Paris, Editions du Seuil.
- DONZELOT, Jacques, 1977. *La police des familles*. Paris, Les Editions de Minuit.
- DROZ, Y. 2000. Circoncision féminine et masculine en pays kikuyu : Rite d’institution, division sociale et droits de l’Homme. *Cahiers d’Études Africaines*, 158 (XL-2): 215-240.
- DROZ, Y. 1998. Genèse d’une « ethnie » : le cas des Kikuyus du Kenya central. *Canadian Journal of African /Revue Canadienne des Études Africaines*, 32 (2): 261-284.
- DROZ, Y. 1997. Si Dieu veut... ou suppôts de Satan ? Incertitudes, millénarismes et sorcellerie chez les migrants kikuyu. *Cahiers d’Études Africaines*, 145 (XXXVII-1): 85-117.
- DROZ, Y. *Migrations kikuyus: des pratiques sociales à l’imaginaire*. 1999. Neuchâtel, Ed. de l’Institut d’ethnologie; Paris, Ed. de la Maison des Sciences de l’Homme.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. 1989. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.

- GLUCKMAN, M. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *A antropologia das sociedades contemporâneas*. 1987. São Paulo, Global, pp. 227-344.
- KERSHAW, G. *Mau Mau from Below*. 1997. Oxford, James Currey.
- LAURIN, N. 1999. Le sacrifice de soi. Une analyse du discours sur la chasteté dans les communautés religieuses de femmes au Québec, de 1900 à 1970. *Société*, 20-21 : 231-252.
- LONSDALE, J. 1996. Ethnicité, morale et tribalisme politique. *Politique Africaine*, 61 : 98-115.
- LONSDALE, J. 1987. La pensée politique kikuyu et les idéologies du mouvement mau-mau. *Cahiers d'Etudes africaines*, 107-108, (XXVII-3-4) : 329-357.
- LONSDALE, J. 1990. Mau Maus of the mind: makink Mau Mau and remaking Kenya. *Journal of African History*, 31: 393-421.
- MONTERO, P. Índios e missionários no Brasil: para uma teoria da mediação cultural. In: *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. 2006 São Paulo, Globo, pp. 31-66.
- TREVISIOL, A. *Uscirano per dissodare il campo*. Pagine di storia dei missionari della Consolata in Kenya: 1902-1981. 1989. Roma, Ed. Missões Consolata.
- TURNER, V. 2005. *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. 2005. Trad. Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Niterói, Eduff.

*Recebido em abril/2007.*

*Aprovado em junho/2007.*